

O perfil do homem e da revolução no México: uma breve reflexão sobre a análise de Samuel Ramos

Ana L. O. D. Ferreira*

Resumo: Neste paper analiso alguns temas trabalhados por Samuel Ramos em seu livro mais famoso: *El perfil del hombre y la cultura en México*. Publicada no significativo ano de 1934, tal obra apresenta a visão crítica e esperançosa de uma mente brilhante, que viveu durante a Revolução Mexicana e dedicou-se a refletir sobre a existência, a história e o destino do cidadão do México do início do século XX.

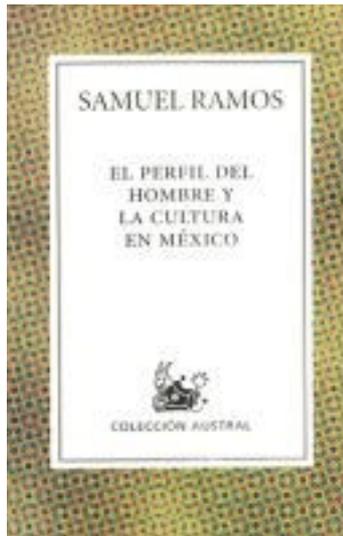
Palavras-chaves: História do México, século XX, história e política, historiografia, ensaio filosófico, intelectual latino-americano.

Abstract: In this paper I analyse some themes worked by Samuel Ramos in his most famous book: *El perfil del hombre y la cultura en México*. Published in the significant year of 1934, this work presents the critical and hopeful view of a brilliant mind who lived during the Mexican Revolution and devoted his life to interpret the Mexican citizens' existence, history and destiny at the beginning of the twentieth century.

Key words: Mexican History, twentieth century, history and politics, historiography, philosophical analysis, latin-american intellectual.



* ANA L. O. D. FERREIRA é professora de História e Filosofia para alunos do Ensino Fundamental II e doutoranda pelo PROLAM-USP



Última edição de "*El perfil del hombre y la cultura en México*", pelo Fondo de Cultura Económica

No centenário da Revolução Mexicana cabe refletir sobre os sentidos atribuídos para este que é sem sombra de dúvidas um dos eventos históricos mais interessantes do século XX. Tenho especificamente me preocupado com a análise formulada por Samuel Ramos, um dos mais respeitáveis intelectuais mexicanos, ainda que quase totalmente desconhecido no Brasil.

Samuel Ramos iniciou sua formação intelectual com José Torres Orrozco, um tutor “científico”, positivista, porfirista, mas foi também aluno de Antonio Caso, representante do Ateneo de la Juventud, grupo de intelectuais de produção tipicamente anti-ditatorial e humanista. Ele foi amigo íntimo dos principais expoentes da vanguarda literária mexicana – os editores da revista *Los contemporáneos* –, e certamente inspirou Octavio Paz, quando esse escreveu *El labirinto de la soledad*.

A obra mais célebre de Samuel Ramos tem o título *El perfil del hombre y la cultura en México*, e foi publicada por completo em 1934, ano em que Lázaro Cárdenas chegou à presidência, e ano no qual se iniciou um período de maior

calmaria social e estabilidade política, após duas décadas de desordenadas e violentas manifestações anti-porfiristas, anti-reelecionistas, anti-elitistas, anti-traditionalistas e nacionalistas – as quais caracterizam o que se convém chamar “Revolução Mexicana”.

É bom lembrar que há algum tempo Ramos vinha publicando trechos de *El perfil* em revistas e jornais, o que implica no fato de que as idéias propostas no dito livro foram sendo moldadas e aprimoradas, pouco a pouco, ao longo da experiência revolucionária. O objetivo deste autor era avaliar como o modo de ser e pensar do mexicano veio sendo construído ao longo dos séculos, desde a colonização espanhola até aqueles primeiros anos dos novecentos. Era entender os erros e acertos da sua geração, numa perspectiva histórica e psicologizante.

El perfil apresenta, assim, um mix de fatos e dados passados, referências a biografias de alguns líderes cultuados no México, teoria junguiana e adleriana, e percepções do próprio autor, as quais ele afirma ter adquirido despretensiosamente e naturalmente ao longo da vida; as quais ele afirma que todo e qualquer mexicano há de compartilhar, sobre o México. Ele nota que seus críticos podem argumentar que sua análise em alguns pontos não é suficientemente impessoal; se defende pontuando que sua visão individual, por ser pautada em suas experiências cotidianas e com a coletividade, há de ser compartilhada por todo mexicano de bom senso. Escreve: “Si el lector se interesa honradamente en la cuestion y acoge estas ideas de buena voluntad, encontrará en sus propias observaciones los datos para comprobarlas” (RAMOS, 118).

Ramos desenha um modelo “típico” de como seria, em geral, o cidadão de seu

país: o “pelado” – destituído de recursos materiais básicos, de alimento e vestimenta digna, mas também destituído de sólidas referências morais, os homens daquela nação se caracterizariam por ser temerosos e agressivos, impulsivos e imediatistas, egoístas e violentos; e alguns tantos outros adjetivos que abordarei nas próximas páginas deste pequeno paper.

De fato, nas linhas de *El perfil* Ramos não chega a explorar sistematicamente os acontecimentos clássicos tidos como marcos da Revolução; aborda com mais cuidado sobretudo a colonização, e depois a Independência e a Reforma. Porém, aborda o passado sempre remetendo a características do homem mexicano, de suas tradições e de seu comportamento político naquelas primeiras décadas do século XX; e por isso sua análise pode ser concebida como um depoimento privilegiado de um contemporâneo, um personagem da Revolução.

Ramos não foi um personagem da Revolução como os clichês historiográficos muitas vezes concebem, é verdade. Não era um homem do campo, não era um homem das armas, não era um camponês faminto nem tampouco proprietário de terras. Mas já é consenso que a revolução não foi feita apenas por aqueles que lutaram nos campos de batalha; foi também por aqueles que, no decorrer dos conflitos, foram garantindo significados para o que sucedia nas zonas rurais e urbanas, no fogo-cruzado e nos gabinetes presidenciais; para aquilo que as testemunhas contavam e que os jornais noticiavam.

Mas *El perfil* deve ser percebido não apenas como um documento histórico; deve ser percebido ainda como um “clássico” mexicano, tantas vezes lido e relido naquele país, gerando e servindo

de base para que fossem gerados inúmeros entendimentos a respeito da História e da Política daquele povo, suas idéias e seu modo de viver, sobretudo naquelas e a partir daquelas primeiras décadas dos novecentos. Daí ser interessante cruzar as percepções de Ramos com as percepções de outros pesquisadores, de gerações posteriores, que tomaram a Revolução como objeto de interpretação. Esse é o meu objetivo em um logo artigo que postei no Slideshare

(<http://www.slideshare.net/analod/revolucao-mexicana-um-perfil-politico>), e cujas idéias principais aparecem, daqui em diante, sintetizadas neste paper.

Aqui minha idéia é, portanto, além de retomar algumas questões pertinentes no que diz respeito à Revolução Mexicana, pincelar algumas informações sobre Ramos, trazendo ao conhecimento dos leitores da revista *Espaço Acadêmico* um pouco da escrita, das idéias e da vida deste notável intelectual mexicano.

No que tange à Revolução há autores, como John Womack, que pontuam que não pode ser concebida como um movimento uniforme, nem como propriamente popular, nem como propriamente transformador. Para esses estudiosos, os acontecimentos denominados “revolucionários”, ocorridos no início do século XX, no México, corresponderiam a um conjunto quase aleatório e inconstante de conflitos armados, e teriam servido a interesses de um grupo específico (WOMACK, p. 108).

Outros autores, como Camín e Meyer, apresentam um viés interpretativo distinto, e observam que havia, de fato, interesses da população do campo e das cidades (embora confusos e heterogêneos) que mobilizaram a transformação do sistema

administrativo mexicano, a princípio com a retirada do ditador Porfirio Díaz do poder, e em seguida com a sucessão de diversos presidentes, eleitos ou empossados através de golpe.

Samuel Ramos, homem daquele tempo, percebeu, realmente, a Revolução como um “remolino circulante que transtornaba cuanto encontraba a su paso”, como um momento de “crise”, “confusão”, “pessimismo” e “dor” (RAMOS, p. 150). Ela não foi um projeto, mas um vendaval de projetos, propostos desordenadamente e concomitantemente, e de maneira às vezes mais, às vezes menos brutal.

Contudo, diferentemente de Womack, Ramos vê transformações nítidas em seu país de antes e de depois das batalhas. Fazendo eco a falas de outros intelectuais mexicanos renomados, como o político e economista Manuel Gomez Morín e o poeta e filósofo Octavio Paz, o autor de *El perfil* declara que a Revolução foi como uma “segunda independência” (RAMOS, p. 150); teria, conforme ele, repercutido em uma maior integração nacional, e uma visão mais crítica e menos subserviente no que diz respeito às relações com as potências estrangeiras.

Ramos lembra, então, que não devemos entender o México, nem os demais países da América Latina, através de modelos de interpretação estrangeiros. Porque, sim, se avaliamos a Revolução Mexicana a partir de modelos que não são propriamente “nossos”, ela nos parecerá um fracasso. Entretanto, se a buscamos compreender conforme a nossa própria lógica de ser, e em conformidade com nosso estilo de vida tradicional e característico, ela ganha novas facetas. Ramos lembra que o mexicano (o “pelado”) é movido por paixões – aliás, havia herdado a “passionalidade do colonizador

espanhol –, e aqueles acontecimentos políticos do início do século XX foram a manifestação de paixões ora mais e ora menos individualistas, que por isso não poderiam chegar a resultados objetivos, racionais, claros, lineares.

O raciocínio de Ramos coincide novamente com o de Womack, na medida em que, assim como no recente trabalho desse historiador inglês, ele propõe que a Revolução foi sobretudo obra de determinado grupo. Para utilizar a palavra empregada por Ramos em *El perfil*, digamos que ela foi obra de uma dada “generación”: de os homens que naquele período eram remediados financeiramente e com grandes expectativas de ascensão, pouco cultos mas de mentalidade empreendedora e modernizante. Certamente Ramos, neste contexto, está se referindo a determinada fase revolucionária, a qual teve início no ano de 1917, e se caracterizou pela chegada à presidência de chefes oriundos de estados do Norte do território mexicano.

Ainda que não os cite em nenhum momento, quando Ramos apresenta sua caracterização do mexicano típico do século XX, o pelado, poderia estar se referindo a Venustiano Carranza, Álvaro Obregón ou Plutarco Elias Calles. Quando fala da truculência, do destempero e do machismo típicos, nos faz pensar em histórias contadas em diversos livros sobre a Revolução; nas declarações viris de Obregón no Senado, conclamando a oposição para um confronto físico; na aversão que Calles sentia em relação aos Cristeros, por considerar que a religião era “coisa para mulheres” (CAMÍN & MEYER, p. 118).

Contudo, lembremos que nem mesmo esses presidentes, de uma mesma geração e oriundos de uma mesma região (o norte do país), fizeram

governos revolucionários “homogêneos”. No governo de Obregón, por exemplo, foi Ministro da Educação um ilustre filósofo mexicano também ligado ao supracitado Ateneo de la Juventud – José Vasconcelos. Vasconcelos não apenas criou bibliotecas e bancou a publicação de clássicos da literatura e da filosofia universais, como investiu no aumento do salário dos professores, e em subsídios a artistas e no financiamento de arte pública. Foi em sua administração que ganhou vulto o trabalho dos “três grandes” do muralismo mexicano – José Clemente Orozco, Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros.

Já no governo de Calles, o Ministro da Educação passou a ser Moisés Saénz, o qual imprimiu ao ensino nacional uma nota mais tecnicista. Neste momento o governo passou a dizer que tão importante quando aprender a ler um poema era aprender a cultivar a terra e operar máquinas, em nome do desenvolvimento do país. Ramos encarou esse “desvio” com olhos desconfiados. Afirmou em *El perfil* que, ao que tudo indica, a tônica não-humanista das novas propostas era expressão de uma certa “inveja dos intelectuais”, que levaria ao esvaziamento da importância da universidade e de reflexões acadêmicas mais abstratas, mas fundamentais porque bases das transformações práticas.

É sabido e aqui já foi dito que Ramos transitou entre *Los contemporáneos*, um dos grupos de literatos de vanguarda mais criativos e significativos daquele país. Como trabalhavam temáticas diversas, desde a morte, o amor, o sonho e por vezes, e apenas por vezes, a pátria, foram tomados, por parte do governo callista, como “descastados” ou

“traidores da pátria” (MEYER, p. 201-202).

Para caracterizar o “pelado” de maneira complexa e mais interessante, Ramos foca vários sub-tipos, como, por exemplo, o **intelectual**, que melhor seria se chamássemos de “falso intelectual”. Cidadão de conduta facilmente observável no país, e por isso mesmo de existência consideravelmente danosa, seria ele em geral pedante e estagnado pelo hábito de repetir mais do que inovar; de falar bonito mais do que falar com consistência, crítica e conhecimento de causa. Ramos não cita nomes, mas sua abordagem nos leva a concluir que aqueles anos em que vinha escrevendo *El perfil*, aquele momento que correspondeu ao Maximato, foi ainda mais encorajador desse tipo de comportamento. O desprestígio do filósofo sob o tolo argumento de que seria importante, primeiramente, valorizar o trabalhador braçal, força-motriz da nação, sob o modo de entender Ramos levava o país à estagnação do pensamento, da reflexão e da opinião ponderada e profícua. Muitos dos políticos de então seguiam, assim, sendo valorizados pelas belas palavras, pelas idéias vagas, vazias, artificiais e copiadas, pela política impositiva e pelas intenções questionáveis mas pouco questionadas.

Não é difícil se concordar com Ramos, quando se lê as biografias dos carismáticos Obregón e Calles.

Ramos compreendia que uma parcela significativa da população mexicana se identificava com o jeito de ser daqueles políticos do norte. O “pelado”, **na cidade ou no campo, burguês ou operário** – escreveu em *El perfil* – tenderia a se resignar à ligação e identificação com os chefes diretos com fidelidade, dependência, subserviência e

pouca crítica. Para o referido autor o personalismo, o paternalismo e o clientelismo seriam comumente e bastante notáveis nas relações de trabalho e nas experiências políticas de seus contemporâneos e conterrâneos. Porém, corresponderiam a uma espécie de doentia tradição, estabelecida desde a época do México Colonial.

Os livros de História mexicanos nos lembram que, se a revolução começou como uma crítica à continuidade de Porfirio Díaz no poder, sobre Obregón não se pode dizer que não tenha desejado estender seu mandato – dizem que Obregón renunciou antes que o seu mandato terminasse, pretendendo voltar à cadeira presidencial nas vindouras eleições. Já sobre Calles não se pode negar que exerceu influência direta sobre os três presidentes que sucederam seu mandato – período em que ele passou a ser chamado “El Jefe Máximo”, e período que costuma ser denominado “Maximato”.

Em *El perfil* Ramos aborda a dificuldade do “pelado” obedecer a leis impessoais; aborda a moral flexível, típica deles. Tal fato não apenas acarretaria como seria alimentado pela tendência, notável ali ao longo de toda a história do México, de se criar leis “excêntricas”. Em outras palavras, de se copiar códigos de outros países economicamente mais desenvolvidos; códigos que não se encaixam ao modo de ser, viver, às ambições e sobretudo às carências propriamente nacionais.

Desrespeito às leis, culto ao chefe, imediatismo, corrupção, e senso de coletividade atrofiado: tudo isso favoreceu o caos político. A Revolução, pois, se não foi necessariamente um período de grande mudança no *status quo*, certamente foi um período de caos, e também de enfrentamento, de questionamento.

A coragem para romper com a comodidade e a passividade (ainda que, é verdade, de maneira desordenada e muitas vezes contra-producente) vinha sendo cultivada no espírito mexicano, conforme Ramos, desde o período da colonização. Segundo sua análise, em razão daquela experiência histórica e da herança cultural legada pelos espanhóis, o homem do México, o “pelado”, seria caracteristicamente aventureiro.

A sugestão de Ramos é: naqueles idos do século XX o mexicano encontrava terreno fértil e propício para deixar de se aventurar apenas nas ações e de maneira reativa, para ousar também no modo de pensar, com iniciativa.

Daí que se possa dizer que, embora Ramos seja muito crítico, não me parece nada cético. Por exemplo: para ele o mexicano de sua época era individualista, o que podia por vezes se reverter, positivamente, em um romantismo transformador; para ele o mexicano de sua época era passional, o que podia por vezes se reverter, positivamente, em uma luta espiritual em nome da coletividade. Ao mexicano faltava se aceitar, se respeitar e buscar se conhecer. E não entregar-se ao materialismo e objetivismo ianques, que iam se tornando moda.

Ao findar a leitura de *El perfil*, podemos considerar que para Ramos a Revolução representou o desencadeamento de forças, demandas e percepções desordenadas e desmedidas, que careciam de um estudo objetivo, capaz de configurá-las num projeto sério, mais bem medido e profícuo do que até então tinha sido costume fazer. O México e os mexicanos careciam de uma investigação que usufrísse da sabedoria dos clássicos e da vivência dos homens que sobreviveram àqueles anos sofridos, de sua paixão, de seu espírito aventureiro e crédulo. Para que,

então, fosse elaborado um projeto político com senso coletivo, nacional, humano, espiritual e amplamente transformador; para que se re-definisse o perfil do mexicano.

Referências

CAMÍN, Héctor Aguillar & MEYER, Lorenzo. *À sombra de Revolução mexicana*. São Paulo: EDUSP, 2000.

KATZ, Friedrich. O México: o Porfiriato. In: BETHELL, Leslie. *Historia da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo: EDUSP, 2002.

MEYER JR., Jean. México: revolução e reconstrução. In: BETHELL, Leslie. *Historia da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo: EDUSP, 2002.

PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1950.

RAMOS, Samuel. *El perfil del hombre y la cultura en México*. México: Espasa-Calpe, 1996.

WOMACK, John. A Revolução Mexicana. In: BETHELL, Leslie. *Historia da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo: EDUSP, 2002.